

ALGUNS DELES COSTUMAM SE AUTOMEDICAR

Não vêem problema nisso

Secretário estadual da Saúde, o infectologista Vicente Amato Neto, 65 anos, dois filhos, justifica sua automedicação pelos anos de experiência. "Estou formado desde 1951, sei que fui bem preparado para enfrentar quase todas as ocorrências médicas", acredita. Como a maioria de seus colegas, Amato garante que tem boa saúde. "Poucas vezes tive que procurar ajuda", conta. Três delas por conta de um choque anafilático provocado por picada de formiga.

"Sabia o que estava acontecendo comigo. Nas duas primeiras vezes fui ao Hospital das Clínicas e, outra vez, estava em Serra Negra e recorri a uma farmácia. Lá, disse ao balconista que era médico e como ele deveria proceder comigo." O empregado da farmácia, bom profissional, recusou-se a medicá-lo. "Sorte minha que o choque passou sozinho."

As outras duas visitas a médicos foram por um cálculo urinário e por um distúrbio agudo no ritmo do coração. "Procurei especialistas de confiança", afirma o infectologista, que, apesar do cargo que ocupa — e até por isso — garante não ter hábito de ir ao médico para fazer um check-up. "É o tipo de coisa que recomendo a outras pessoas e não faço. Sei que está errado, mas não me sobra tempo para ir ao médico", revela, sem querer se justificar.

Com sua família adota a mesma conduta que tem consigo: quando se sente confiante, trata o problema. Quando não, procura um especialista. "Não considero isso automedicação. É diferente de um leigo se automedicar, sou um profissional." Nas vezes em que precisou de médico, o secretário conta que sempre se esqueceu que profissão exercia e se comportou com disciplina.

Sobre cobrar ou não dos colegas, Amato assegura que no passado não cobrava, mas mudou de procedimento com o tempo. "Conheço alguns especialistas que mudaram de profissão ou saíram de São Paulo porque não podiam cobrar de colegas", afirma. Ele segue alguns critérios: não cobra de médicos jovens, recém-casados, amigos muito próximos ou de qualquer pessoa — leiga ou não — que não tenha recurso financeiro. "Tento agir com bom senso".

Os odontologistas só fogem à regra da automedicação porque é impossível tratar da própria boca. Mesmo assim, em nome da experiência que acreditam ter, arriscam alguns diagnósticos e tratamentos. "Reconheço fácil meus problemas e sei como devo me prevenir deles", diz Edmir Matson, de 52 anos, diretor da Faculdade de Odontologia da USP.

"Com a idade, por exemplo, é comum as pessoas terem problemas nas gengivas e devem ir com mais frequência ao dentista, de 6 em 6 meses, pelo menos", afirma. Quando tem de tratar dos seus dentes, Matson conta que se serve de colegas professores da faculdade. "Aí, procuro não dar palpite, mas às vezes não me contenho", confessa. "É difícil não se envolver porque já sei dos riscos que corro e das dores que poderei ter."

Matson diz que tentou tratar dos próprios filhos e não deu certo. "O relacionamento fica prejudicado pela emoção. Prefiro que outro profissional atenda meus parentes mais próximos." Na Odontologia, um código de ética ensina que não se cobra tratamentos de

colegas, mesmo desconhecidos.

Consultor técnico:
Wagner Ibrahim Pereira, cardiologista do serviço de cardiopatias coronárias do Instituto do Coração.